

# O ECCO DE BARCELLOS.



Só em Barcellos houve alardo um dia,  
Em que o Sol pelos campos dilatados  
Com terrível e fera galhardia  
Desasete mil peitos vio armados.

[Poema Epitalamio de Manoel de Gallegos. Oitava 81].

REDACTOR PRINCIPAL E EDITOR RESPONSAVEL. DAVID DE BARROS E SILVA BOTELHO.

PREÇO D'ASSIGNATURA.	PUBLICA-SE ÀS QUARTAS-FEIRAS E SABBADOS.	E COM ESTAMPILHAS.
Por um anno..... 2\$400	Numero ayulso 30 rs. Anuncios e Correspondencias, por linha 40 rs. Repetições 20 rs. Para os snrs. assignantes por linha 20 rs. repetições 10 rs.	Por um anno ..... 2\$920
Por seis mezes..... 1\$200	Os annuncios e correspondencias, devem ser remettidas francas de porte ao redactor do ECCO DE BARCELLOS.	Por seis mezes ..... 1\$460
Por tres mezes..... \$600	Assigna-se em Barcellos na loja de Joaquim Alves Vallongo e Souza, rua Direita n.º 30.	Por tres mezes ..... \$730
		Para o Estrangeiro accresce o porte.

## BARCELLOS 14 DE MAIO.

Está proximo o dia fixado para a reunião da nova camara, e o paiz aguarda com anciedade os esforços dos seus representantes em côrtes, no sentido de provêr de remedio ás mais instantes e clamorosas necessidades populares.

As animosidades excitadas no campo eleitoral, onde á sombra da lei, os partidos se disputavam os suffragios do povo, devem terminar com a luta legal e pacifica que as gerára, para cederem o lugar a sentimentos patrioticos e aspirações generosas.

Os eleitos do povo, qualquer que seja a parceria em que se achem filiados, são chamados ao seio da representação nacional, não para dar largas a despeitos pessoases; não para desafogar a paixão partidaria em recriminações e questiunculas enredadôras; mas para justificar a confiança dos seus constituintes, buscando cada um acreditar o seu partido, pela força do empenho e da emu-

lação com que devem corresponder á sua missão.

O governo, pela sua parte, tendo appellado para o voto nacional que lhe foi favoravel, constituiu-se na rigorosa obrigação de não falsear a confiança que sollicitára.

Acabou a contenda; deve comêçar o estimulo e a emulação para os grandes commettimentos, e para a realisação das reformas uteis e necessarias.

Nos calamitosos tempos em que a voz apaixonada e rancorosa dos partidos, podia mais que a da razão e das conveniencias publicas, a discussão da resposta ao discurso da corôa, que não pôde nem deve considerar-se, senão como uma formalidade parlamentar, era aproveitada pelas opposições para empenharem os primeiros combates, em que desde logo se estremavam os campos, e aviventavam os intuitos hostis.

Felizmente já foram d'entre nós prescriptas essas praticas nocivas, porque mesmo perdêram a razão de ser; e gravê responsabi-

lidade contrahiria perante a nação aquelle ou aquelles que as fizessem reviver.

O tempo é um capital precioso; e malbaratal-o quando as necessidades publicas imperiosamente reclamam dos podêres publicos o seu aproveitamento util, seria crime de leza-Nação.

O governo e o parlamento devem compenetrar-se destas verdades.

Cumpram um e outro o seu dever, e a opinião sensata do paiz os applaudirá.

Pelo que nos respeita, não cessarêmos de concorrer com o auxilio que pôde dar a sinceridade das convicções e o amor do bem publico, para que o governo mantenha a força e prestigio de que carece, se ante o parlamento apresentar uma iniciativa intelligente e efficaz para a realisação das medidas que as circunstancias reclamam.

Vêmos acima de tudo e de todos, o interesse do paiz; e, assim, o nosso apoio será, como tem sido,

## FOLHETIM.

Como estamos nas ladainhas de Maio do anno de 1861, as amáveis leitoras, tem de conceder-me a introdução d'alguns novos versiculos, que metto hoje na ladainha

Da fraternidade gallega  
« Libera nós domine  
Da ideia d'união Iberica.  
« Libera nós domine  
Das castanholas, pandeiros, e sanfonas  
« Libera nos domine  
Dos caragos e moçachos  
« Libera nós domine  
Para que sejamos livres  
« Té rogamos, audi nós  
Para que tenhamos um governo.  
« Té rogamos, audi nós  
Para que se acabem as dissoluções de parlamentos  
« Té rogamos, audi nós  
Para que os ministros não digam que são pedreiros livres  
« Té rogamos, audi nós  
E em fim te rogamos, ó meu Deos, que nos auxilieis com a vossa Divina Graça para que sejamos dignos de melhor sorte, amen.

E não cessará a maldita ideia d'um jugo novo que nos opprima, mas d'um jugo castelhano!!

Não digo, que alguém n'uma hora de desespero, ao ver-se tão mal governado como nós estamos sendo, não queira ser Hespanhol, Francez ou Mouro; mas reflectindo, estudando a historia e a indole d'Hespanha, é impossivel que peito aonde bate coração portuguez queira trocar a patria dos Gamas, a terra dos Albuquerque, pela patria d'Espartero, pelo patibulo d'Ortheга.

Não contamos aos mil, peitos nossos armados para deter o impeto ou invasão de gente estranha e adversa; mas contamos milhares de peitos portuguezes que sabem ser livres, e sabem ser herdeiros do nome que seus maiores lhes legarão com a palma da victoria.

Não venham os ibericos, como o lobo de La Fontaine querer metter pazes com as ovelhas, enganar-nos tambem, e abusarem da nossa boa fé; temos coração d'amigos, e peito de bons aliados, mas não somos todos unos: nós sabemos ser amigos, mas não somos as ovelhas de La Fontaine.

P'ra conhecer portuguezes  
É tental-os com revezes.

Pulmeirim.

Já que as ladainhas me trouxeram até aqui,

não desisto de completar este folhetim fallando no mesmo assumpto, e quero appresentar ás leitoras um brado do snr. Albino A. de Andrade e Almeida, escripto em Abril passado.

BRADO

É mentira, hespanhoes, que na patria,  
Em que o gran condestavel nasceu,  
Menos prezem, com vivas á Iberica,  
Um passado tão nobre, tão seu.

É mentira, taes vivas no meeting  
(Meteoro que a furto assomou....)  
É mentira, é calumnia, é perfidia...  
Portugal indignado, bradou.

É mentira, que o grito de Iberia  
Levantasse entre o povo uma voz;  
E se o erguesse... amargára-lh'a infamia...  
Que entre os crimes, tal crime era atroz!

É mentira! Ou foi sonho ou delirio...  
Desleal, execranda illusão!  
Quem assiu vos mentiu era um perfidio!...  
Negro crime, nefanda traição!!

É mentira não ser Lusitania  
Inda a mesma — aguerrida —, qual foi!  
Pela patria este povo é fanatico,  
E nas guerras intrepido — heroe —,

tão leal e desinteressado, como seria a nossa opposição, se perdida a esperança de que o governo actual possa erguer-se á altura da sua laboriosa missão, tivessemos por justificada e necessaria á causa publica, essa opposição.

Temos esperança de que tal necessidade se não dê; e muito o desejamos, pois nos agrada mais louvar do que censurar, porque a razão do louvor só póde ser uma medida justa, ou um melhoramento realisado, ou pelo menos iniciado.

## PARTE OFFICIAL.

DIRECÇÃO GERAL DOS NEGOCIOS DE JUSTIÇA  
1.ª Repartição

Foi-me presente a consulta do supremo tribunal de justiça de 5 de março ultimo, acompanhando a lista, formada na conformidade do § 1.º do artigo 4.º da lei de 21 de julho de 1855, dos juizes de direito de primeira instancia, d'entre os quaes hão de ser escolhidos pelo governo aquelles que têm de ser collocados nos logares de 1.ª classe; e tomando em consideração todas as ponderações feitas nas informações a que mandei proceder para a mais prompta e regular execução da citada lei: hei por bem declarar, que dos juizes de direito de primeira instancia comprehendidos na referida lista, foram escolhidos pelo governo, para serem collocados nos logares de 1.ª classe, aquelles que vão mencionados na adjunta relação, a qual faz parte integrante d'este decreto, e baixa assignada pelo ministro e secretario d'estado dos negocios ecclesiasticos e de justiça.

O mesmo ministro e secretario d'estado o tenha assim entendido e faça executar. Paço, em 10 de abril de 1861. — REI. — *Alberto Antonio de Moraes Carvalho.*

*Relação, a que se refere o decreto d'esta data, dos juizes de direito de primeira instancia escolhidos pelo governo para serem collocados nos logares de 1.ª classe.*

### NUMEROS E NOMES DOS JUIZES

- 1 José Bernardo Gonçalves Ferreira Pinto da Cunha.
- 2 José Joaquim Lopes da Silva.
- 3 Cesar Ribeiro Abranches Castello Branco.
- 4 Antonio José de Moraes Pimentel.

- 5 Francisco Boto Pimentel de Mendonça.
  - 6 Gaspar Pereira da Silva.
  - 7 Antonio Maria Branco.
  - 8 João Nepomuceno Carvalhosa e Silva.
  - 9 Joaquim de Oliveira Baptista.
  - 10 José Bernardino Mendes Velloso.
  - 11 Thomás de Aquino Martins da Cruz.
  - 12 Aristides Ribeiro Abranches Castello Branco.
  - 13 João Carlos Nogueira.
  - 14 Camillo José de Gouveia.
  - 15 Manoel Joaquim de Almeida.
  - 16 Antonio Pereira Ferraz.
  - 17 Joaquim Pereira Guimarães.
  - 18 Bernardo José Pereira Leite.
  - 19 José de Oliveira Baptista.
  - 20 Antonio Xavier da Costa Veiga.
  - 21 José Maria Pinto de Almeida Carvalhaes.
  - 22 Manoel de Freitas Costa.
  - 23 Manoel de Almeida Carvalhaes.
  - 24 José Caldeira Pinto de Albuquerque.
  - 25 Vicente de Paula Correia Sá e Moura.
  - 26 Emydio José da Silva.
  - 27 Joaquim Machado Ferreira Brandão.
  - 28 Luiz Antonio Correia de Moraes Amaral.
  - 29 Manoel Villela de Sousa Araujo Barbosa.
  - 30 Antonio de Mello Borges e Castro.
  - 31 Joaquim José Alves de Faria.
  - 32 Abilio Maria Mendes Pinheiro.
  - 33 Antonio José Barbosa Junior.
  - 34 José Pinto Pereira Borges.
  - 35 Francisco Leite Pereira da Costa Bernardes.
  - 36 Francisco de Senna Fernandes.
  - 37 José Maria Martins.
  - 38 José Bernardo da Silva.
  - 39 Bartholomeu Correia de Moraes Amaral.
  - 40 D. João Correia Portugal da Silveira.
  - 41 Antonio de Vasconcellos Pereira Coutinho de Macedo.
  - 42 Sergio de Sousa e Mello.
  - 43 José Joaquim da Silva Guardado.
  - 44 Gaspar da Graça Correia de Lacerda.
  - 45 Antonio de Magalhães Mexia Baião da Lança Salema.
  - 46 José Maria Pereira Forjaz Pimentel.
  - 47 Antonio Emilio Correia de Sá Brandão.
  - 48 Albano Caldeira Pinto de Albuquerque.
  - 49 José Freire de Serpa Pimentel, visconde de Gouveia.
  - 50 João Ferreira de Oliveira.
  - 51 Augusto das Neves Sousa Pimenta.
  - 52 Felisberto Antonio de Campos.
  - 53 Caetano José Gomes Monteiro.
  - 64 José Pereira Sanchez e Castro.
  - 55 Francisco Maria de Freitas Jacome.
  - 56 José Maria da Costa e Silva.
  - 57 Camillo Aureliano da Silva e Sousa.
- Paço, em 10 de abril de 1861. — *Alberto Antonio de Moraes Carvalho.*

## NOTICIAS DIVERSAS.

**CHEGADA.** — Temos entre nós, o nosso patricio, e distincto amigo, o exc.<sup>mo</sup> Luiz Martins Villaça, benemerito Magistrado que tem estado exercendo uma das varas do crime na Capital, aonde tem prestado serviços de incontestavel relevancia.

Chegou hontem de tarde com sua estimavel familia, sendo cumprimentados pela banda de musica que se lhes postou á porta tocando varias peças.

Sentindo o motivo desta vinda, que é o precario estado de saude da exc.<sup>ma</sup> esposa do nosso amigo, a quem desejamos rapidas melhoras, não podêmos deixar de dar-lhe as boas vindas.

**BOATO FALSO.** — O boato publicado em alguns jornaes de que o snr. governador civil do districto de Vianna havia pedido a sua demissão, e exigido a de alguns administradores de concelho, é destituído de fundamento.

**O PARLAMENTO.** — Este jornal suspendeu temporariamente a sua publicação, tractando de melhorar a empreza a fim de se tornar diario. Dizem que tambem melhorará de redacção.

**INFAUSTA NOTICIA.** — Lê-se no «Braz Tisana». — Consta hontem (13) n'esta cidade por uma parte telegraphica da Regoa, que no domingo 12, naufragara no sitio do Cachão o barco em que vinham os snrs. conde e condessa d'Azambuja, a familia Torres, e o snr. barão de Forrester, honrado negociante britannico. Consta que perecera este respeitavel cavalheiro e mais um criado e uma criada da comitiva. A consternação é geral por tão infausto acontecimento.

**NÃO HA CRIMES D'ESTES EM PORTUGAL.** — Ainda não ha muito que n'uma povoação da provincia de Lugo, na Galliza, um sacerdote foi ferido com uma facada no pescoço, na occasião em que celebrava missa.

Agora o «Porvenir Palentino», dá noticia do seguinte facto, que teve logar em San Andrés del Arroyo, povoação da provincia de Palencia, na proximidade d'Alar del Rey.

Estavam no dia 21 de abril, ás 9 da manhã, quasi todos os habitantes da povoação ouvindo missa no convento das freiras, que alli ha, e de repente se apresentaram 9 homens a caval-

Entre nós, hespanhoes, ha penhores  
Que nos ligam —; vizinhos, irmãos—;  
Mas vizinhos tornados senhores,  
São de esp'rança fallaz sonhos vãos.

Lusitania, das aguias vexada,  
Contra o jugo de Roma pugnou! ...  
É valente, dos bravos co'a espada,  
Portugal esta herança firmou.

Quer tão livre viver este povo,  
Quanto o forão seus nobres avós:  
É se á patria vier jugo novo,  
Maldição! ... Maldição sobre nós.

Se da patria se esquece um covarde,  
Se da patria renega um traidor;  
O castigo vem breve... e mais tarde,  
Dos vindouros — desprezo e rancor—.

N'este povo, hespanhoes, vivem crenças,  
Que não podem já mais fenecer! ...  
Contra as hostes mais bravas e densas,  
Hão de os peitos muralha fazer.

Já no campo nos vistes; —e unidos,  
Da victoria colher os tropheus!—  
Inda irêmos ao campo aguerridos,  
Pelo rei, pela patria, e por Deos.

Eu não quero hespanhol a riqueza,  
Quero, pobre, morrer portuguez,  
Já foi grande a nação portugueza,  
Ha de ser inda grande outra vez.

Assim fosse o pensar de nós todos, meus estimaveis leitores: assim pensassem os que nos governam, ou desgovernam; que os Iberistas não tendo um só — apoiado — receariam por certo de propagar as suas nefandas ideias: mas que propaguem, que venham os hespanhoes, que os espectros dos proprios Phillippes os correrão de semelhante terra.

Não temos vozes fortes de generaes aguerridos, não temos soldados que o rei predeio, mas temos a patria que falla mais alto, e temos tambem a liberdade que nossos avós ganharam, e que nunca devemos perder senão com a vida.

Accettem os canastros de sardinhas esta nossa dedicacção, e digão lá de si para si — que vivas se dão em Portugal á união Iberica —!

A unidade é um attributo que o progresso não póde dispensar, é uma verdade: mas a excepção da regra é incontestavelmente a unidade Iberica: haja unidade de vontades; haja unidade portugueza; não se coma, ou não se roube tanto: que ninguem poderá então dizer que para nós progredir-mos é necessaria a — união Iberica. —

A vós, sympaticas leitoras, se é que as tenho, a vós pertence tambem pugnar pela defesa da patria, e para vós não são precisas as carabinas á Minié, a polvora ou a bala; tendes tantos olhares, sorrisos tantos, que alcançam mais que as carabinas, que cortam mais que a polvora, e furam mais que as balas.

Vigiai pela independencia da vossa patria, porque a União Iberica he-vos o mais nocivo, que é possível.

Vossas exc.<sup>as</sup> tem ouvido dizer sempre — que duzentos gallegos não fazem um homem—, e é verdade; mas eu tambem tenho ouvido dizer, que uma galleguita vale mais que uma..... perdoem-me v. exc.<sup>as</sup>, mas isto é um argumento, que tem uma força excedente á de duzentos cavallos: não as consentam cá de maneira nenhuma, do contrario a galleguita vem cá fazer muito mal, até ás criadas amigas de conversar em particular com v. exc.<sup>as</sup>

Haja pois da parte das leitoras repugnancia á União Iberica, e digam aos tocadores de sanfona

N'este povo, hespanhoes, vivem crenças,  
Que não podem jámais fenecer! ...  
Contra as hostes mais bravas e densas,  
Hão-de os peitos muralhas fazer.

lo, armados, e com as caras enfarruscadas; e ameaçando com a morte os que resistissem, roubaram a todos os que se achavam na igreja.

Não contentes com isto, quizeram entrar no convento; recusando as freiras franquear-lhes a entrada, arrombaram as portas, e penetraram pelos claustros e cellas, commettendo actos de barbara selvageria e profanação. Em vão pediam socorro os sinos do mosteiro, ninguem acudia, porque a quadrilha se tinha apoderado completamente da povoação e cercanias. Assim passaram todo o dia, e só partiram ás seis da tarde, deixando fechada na igreja toda a gente da povoação, para que lhes não fosse na pista!

## VARIÉDADES.

**TOUSSAINT LOUVERTURE.**—Era um mulato da ilha de S. Domingos, que fez um brilhante papel na revolução deste paiz. Principiou por escravo, e acabou por-general. Tratava de igual a igual com Buonaparte: quando lhe escrevia, principiava sempre por estas palavras: « Ao 1.º dos brancos, o 1.º dos pretos. »

**LEI CELEBRE.**—Um dos monarchas portuguezes que mais merece o louvor e os panegyricos da posteridade é D. Affonso II, que além do denodo com que se houve nas lides, então a virtude peculiar dos reis, deu grande impulso á nossa civilisação.

A legislação do paiz até o seu reinado foi a legislação municipal, e elle reunindo cortes em Coimbra no anno 1212, fez ali dictar leis mui sabias para o progresso do tempo, leis que não só vieram ordenar a legislação do reino, privar os povos das gravosas fintas, fixar os direitos da igreja, e evitar a precipitação das sentenças, como também dar uma prova indelevel do character fecundo e magnanimo do rei.

Entre muitas leis barbaras, vis e extravagantes que havia no reino, avulta uma da villa de Santa Irene, ou Santarem, que passamos a relatar.

Se alguma mulher casada brigava com outra, e a justiça tomava conhecimento do caso, vinha o alvazil a casa della, e estendendo no chão um traveseiro, começava a dar-lhe arrojadas com uma vara, e o marido que estava em frente delle devia ir repetindo a mesma solfa nas costas da mulher, senão dava-lh'as o alvazil nelle. Era também de obrigação dar as varadas com a mesma força que a justiça as dava no traveseiro, aliás levaria como se lhe não dêsse.

MOZARTE.

A constituição de Mozarte era um tanto delicada, e exquisitamente sensível: fulto de saúde, desde a infancia ficou com uma disposição melancolica, approximando-se a desesperação. Pouco tempo antes da sua morte, que teve logar aos trinta e seis annos de sua idade, elle compoz a sua famosa obra do *Requiem* que por um extraordinario presentimento, suppôz sempre ter escripto para o seu proprio funeral.

Um dia, quando elle estava mergulhado n'um profundo delirio, uma carroagem parou á sua porta. Um desconhecido se fez annunciar, declarando que desejava fallar-lhe. Uma pessoa, ricamente trajando, de elevadas e impressivas maneiras, foi intrudusida. « Eu sou encarregado, Senhor, por uma pessoa de consideração de procurar-vos. »

« Quem é essa pessoa? » interrompeo Mozarte. « Elle não deseja ser conhecido. » « Bem: e que é o que pertende do mim? » Esta pessoa perdeu ha pouco um amigo a quem amava ternamente, e cuja memoria lhe será sempre cara. Dezeja commemorar annualmente este caso por um solemne serviço, para o que pertende que vós lhe componhaes um *Requiem*. « Mozarte foi violentamente tocado por este discurso, pela grave maneira em que tinha sido deliberado, e pelo ar de mysterio em que o todo do negocio estava

envolvido. Annuio pois a escrever o *Requiem*. O desconhecido continuou. « Empregai toda a força do vosso genio n'este trabalho; pois que é para um entendedor. » « Muito melhor. » « De que tempo percisaes vós? » « Um mez. » « Optimo. No fim de um mez eu vos procurarei. Preciso agora saber quanto ha de ser a recompensa? » « Cem ducados. » O desconhecido sem replicar lançou logo em cima de uma mesa a somma pedida, e desapareceo.

Mozarte ficou por algum tempo meditabundo; mas de prompto lançou mão dos aprestes precizos, e começou o *Requiem*. Tal era o gosto que tinha pela composição, que escreveu de dia e de noite, e com um ardor que parecia crescer continuamente: com tudo a sua constituição, já em estado de grande debilidade, redusio-o a ponto de não poder sustentar por mais tempo o seu enthusiasmo. Uma manhã, cahio sem sentidos, e isto o obrigou a suspender o seu trabalho. Dous ou tres dias depois, sua esposa procurando distrair sua imaginação dos melancolicos presagios que a occupavam, lhe diz elle repentinamente. É mais que certo que eu estou escrevendo este *Requiem* para mim proprio: elle servirá para o meu funeral. » Esta lugubre impressão já mais se lhe desvanecio da ideia.

Entretanto que elle proseguia na obra, suas forças abatiam de dia em dia, e por este motivo o seu trabalho progredia vagarosamente. No fim do mez que elle tinha fixado, o desconhecido de novo se lhe apresentou; e vendo a obra ainda não acabada, lhe diz. « Não vos dê cuidado a falta de cumprimento de vossa palavra: de que tempo percisaes mais? » « Outro, mez: a obra tem-me interessado mais do que eu esperava, e acrescentei muito além do meu primeiro desígnio. » « É justo pois » lhe replica o desconhecido « que eu amplie a recompensa: aqui estão mais cincoenta ducados. » « Senhor, » responde Mozarte com grande agitação, « quem sois vós? »

Nada tem isso para o caso: dentro de um mez, eu voltarei. « Mozarte de prompto chama um dos seus criados, e ordena-lhe que siga aquella extraordinaria personagem. O criado voltou, sem que podesse reconhecer quem era.

Persuadia-se então, o grande compositor que o desconhecido não era um ser mortal, e que lhe era enviado para lhe annunciar a aproximação do fim de sua existencia. Applicou-se com mais ardor ao seu *Requiem*, o qual elle reputou vir a ser o mais duravel monumento do seu genio. Em quanto assim occupado, foi por vezes atacado dos mais violentos paroximos; com tudo ultimou a obra.

No tempo marcado o desconhecido voltou; porém Mozarte já não era deste mundo!

SATURDAY'S MAGAZIN.

G.

*Carta do imperador Napoleão a Sua Magestade El-Rei de Napoles, entregue a este soberano pelo almirante de Tinan.*

Ha já algum tempo que não escrevia a sua Magestade por estar á espera de que os acontecimentos assumissem um character tão decisivo, que me habilitassem a dar, com conhecimento de causa, a minha opinião a vossa magestade.

Quando a injusta aggressão do Piemonte foi em auxilio da revolução em vossos estados, obrigando-vos a sair para Gaeta, resolvi impedir o bloqueio para dar a vossa magestade uma prova de sympathia, forrando a Europa ao triste espectáculo de uma lucta de morte entre dois soberanos alliados; lucta em que o direito e a justiça estavam do lado do que ia succumbir. Deixando porém com a presença da minha esquadra o mar livre a vossa magestade, não podia comtudo ser designio meu, tomar parte na contenda; e por isso o almirante de Tinan recebeu ordem de observar a mais rigorosa neutralidade entre os dois adversarios.

Os incidentes da guerra complicam a situação da minha esquadra em Gaeta, que muitas vezes se vê em risco de operar contra os piemonteses, cujos ataques ameaçam a sua segurança. Algumas vezes é ella obrigada para se conservar neutral, a obstar a que as embarcações de vossa magestade façam justas represalias contra as embarcações piemontesas. Esta situação não pode durar indefinidamente; e melhor seria, entendo eu, a bem de vossa magestade, que, vossa magestade se retirasse com as honras militares, o que será obrigado a fazer, pois a catastrophe é inevitavel. Ha-

veis dado as maiores provas de louvavel firmeza. Em quanto tinheis alguma esperanza de conservar o throno, assistia-vos o poder de sustentar os vossos direitos por meio das armas; porém hoje, digo-o com sentimento: o sangue que corre é inutilmente derramado. O vosso dever como homem, e como soberano, é de obstar á esse derramamento. Ignoro o futuro que a vossa magestade está reservado; mas convenco-me de que a Italia e a Europa farão a maior justiça á energia que tendes desenvolvido, e á resolução que ides tomar para evitar as grandes desgraças que pesam sobre o vosso povo.

Pego-vos acrediteis que a minha linguagem para com vossa magestade é dictada pelo maior desinteresse para ambos os lados; e pelo desgosto que teria, se as circunstancias, tornando-se graves, não permitissem conservar a esquadra em posição que tornasse impossivel a mais stricta neutralidade. Rogo a vossa magestade, etc.

*Resposta de Sua Magestade El-Rei ao imperador Napoleão.*

A carta que vossa magestade fez a honra de escrever-me, e que o almirante de Tinan me entregou, me veio pôr, devo confessar-lo, na maior perplexidade. Era minha firme intenção resistir e salvar a minha honra á custa dos maiores sacrificios, se as circunstancias me impedissem de salvar os meus estados contra uma aggressão injusta. Porém os conselhos affectuosos que vossa magestade me dá, e a impossibilidade da retirada da vossa esquadra me impressionam e fazem hesitar.

N'este caso não ficará vossa magestade admirado nem offendido, se eu desejar que se me dê tempo de reflectir antes que tome definitiva resolução. Ainda que eu soubesse que a esquadra franceza não podia demorar se indefinidamente n'este golpho, as minhas informações officiaes, e as promessas que particularmente se me fizeram, davam-me logar a esperar a prolongação da sua estada, ou pelo menos a presença da bandeira franceza n'um vaso da marinha imperial. Apreciando os motivos que impellem vossa magestade, e reconhecendo a sua efficaz sympathia, não posso deixar de lamentar a retirada de uma frota, que deixa o mar livre a meus inimigos, aggravando summamente o meu estado. Para saber se me é possivel fazer prolongada resistencia sem tal apoio, necessario me é ver, com a maior attenção, quaes são os meus recursos. O que sinceramente desejo é evitar os dois escolhos em que a minha barca pôde sossobrar, ou o meu nome ficar manchado, e que são a temeridade e a fraqueza.

Sabeis, senhor, que os reis que abandonam os seus thronos, difficilmente se tornam n'elles a sentar, se alguns raios não dão brilho á sua queda e infortunio. Sei que depois da embriaguez de um triumpho, mais devido á pussillanidade ou traição de meus generaes do que á força dos despojadores do meu reino, lutaram estes com grandissimas difficuldades para conseguir que os povos abracem idéas que vão de encontro aos seus interesses e trações. Tornando-se cada vez mais critico o estado da Europa, dá-me logar isso a esperar que não virá longe o dia, em que os principios da lei, do dever e da justiça, deixem de ser calcados aos pés pelo Piemonte. Se taes esperanças forem sonhos, ha comtudo um ponto sobre que não pôde haver discussão, e é, que em combatendo em defesa de meus direitos, e succumbindo com valor e honra, tornar-me-hei digno do nome que tenho, e deixarei exemplo ao principe que me succeder.

Sou aqui rei, como principio, mas general de facto. Já não tenho estados; só possuo uma praça e um exercito fiel. Devo eu abandonar, na frente de perigos pessoas, pelo temor de derramamento de sangue, que procurei evitar a todo o custo, um exercito que pôde manter a honra da sua bandeira, e uma praça para cuja defenza meus avós fizeram tantos esforços reputando-a o ultimo baluarte da monarchia? Vossa magestade, que é optimo juiz em tal materia, pôde melhor do que ninguém, decidir, se, retirando-me sem a convicção da insufficiencia de meus recursos, cumprirei meus deveres como soldado. Posso morrer e ficar prisioneiro; isso é verdade: mas os principes devem saber morrer honrosamente, e Francisco I também foi prisioneiro. Não defendia elle, como eu faço agora, um reino e um povo? E apesar d'isso, os seus contempo-

rancos e a historia referem como elle expoz a sua pessoa e supportou os trabalhos do seu captivo. Não é uma exaltação passageira que me inspira tal linguagem; mas o resultado de longa reflexão, e vossa magestade, que é homem de resolução, intelligencia e coragem, comprehenderá melhor do que ninguém, os affectos que me animam.

Devo pois lutar contra a corrente de minhas idéas, antes de mudar de resolução. Dai-me tempo para reflectir; e se apesar dos meus desejos, esperanças, e orações, ousar assim dizelo, os interesses e a politica de vossa magestade o obrigarem a retirar a esquadra, muito o sentirei, mas farei sempre justiça aos motivos que vos guiarem, conservando profundamente gravada em meu coração a prova da sympathia que me haveis dado, e a recordação do serviço prestado, conservando-me por tanto tempo a liberdade dos mares, na occasião em que potencia alguma da Europa podia vir em meu auxilio. E se com a partida da vossa esquadra tiver eu de succumbir, pedirei sinceramente a Deus que vossa magestade não tenha que sentir; e que em logar de um alliado reconhecido, não encontre uma revolução hostil, e um soberano ingrato.

Qualquer que seja a minha resolução em tão graves circumstancias, darei d'ella conhecimento a vossa magestade; e aproveito a occasião para mais uma vez manifestar a vossa magestade o meu reconhecimento pelo auxilio que recebi, e ainda mais pelo interesse que por mim testemunhou.

Peço a vossa magestade etc.

## NOTICIAS ESTRANGEIRAS.

Uma participação de Napoles com data de 4 do corrente mez, diz, que a reacção fôra derrotada em todas as provincias.

Foi approvedo o projecto de lei que authorisa um recrutamento de 36,000 homens nas provincias napolitanas.

A questão do imposto na Hungria tornou-se muito grave, porque para se effectuar a cobrança tem sido necessario empregar a força armada. A dieta constituiu-se em sessão secreta, mas não se sabe ainda a resolução que tomou. Reina grande agitação, e esperam-se graves acontecimentos, para os quaes o governo está preparado.

### PARTICIPAÇÕES TELEGRAPHICAS

Varsovia 6 de Maio. Por que é agora a Paschoa russa, augmentaram aqui as precauções militares e collocaram artilheria diante da cathedral. Continuam as prisões e seguem o seu curso os processos. Todavia chegou um telegramma de S. Petersburgo dizendo que o grão-duque Miguel, irmão do imperador, vem a esta cidade, e esta noticia produziu aqui bom effeito.

Houve modificação ministerial. Mr. Wailonick originario de Felandia, foi nomeado ministro do interior.

Londres 6. Ha esperanças de um ajuste pacifico entre a Dinamarca e os duca-dos.

Pariz 6. Os periodicos ministeriaes exhortam o publico a acolher com reserva as noticias contradictorias que circulam a respeito da Syria, pois que a Porta está perfeitamente de accordo com a França a respeito da occupação.

De 15 a 20 do corrente será communicado aos governos das grandes potencias o extenso relatorio dos commissarios europeos em Beyrouth.

Pariz 8. No senado, Royer leu o parecer sobre uma petição, pedindo que se adoptem medidas para impedir que se renovem os assassinatos da Syria. A com-


missão termina opinando que se passe a ordem do dia. A discussão deste parecer fixou-se para segunda feira proxima.

Em Limoges teve logar um terrivel incendio, que destruiu uma parte da cidade. O prefeito ficou ferido.

Londres 8. Palmerston declarou nas camaras ter recebido o protesto do Haiti contra a annexação de S. Domingos á Hespanha, mas acrescentando que não se havia dado passo algum nesta questão.

Tambem fez uma declaração a respeito das ilhas Jonicas, dizendo que queria a felicidade daquellas ilhas; mas que a sua annexação á Grecia seria a sua desgraça.

## ANNUNCIOS.

 **VENDE-SE** a casa n.º 55 de dous andares, sita na rua Direita desta villa, onde mora o sr. Franciseo José Bento d'Oliveira.

Quem a pretender dirija-se a Manoel Martins Gomes com quem podem tratar. (101)

## CASA FELIZ PORTO

Loteria da Misericordia de Lisboa.

4.ª EXTRACÇÃO DO 2.º TRIMESTRE.

## SORTE GRANDE

R. \$ 9:000:000.

## CUNHA & RORIZ

Affiançados no Governo Civil do Porto, na conformidade do edital de 28 de Junho de 1860.

Teem á venda nas suas casas de Cambio, rua das Flores n.º 1 e 3, junto á Igreja da Misericordia, e defronte da Companhia dos Vinhos n.º 96, bilhetes inteiros, a 6\$600, meios ditos, a 3400, quartos, a 1700, cautelas de 500 reis e 250, cuja extracção terá logar no dia 18 de Maio.

Satisfazem todas e quaesquer encomendas que lhes sejam feitas das provincias, com toda a pontualidade, vindo acompanhadas do respectivo importe; e remetem aos seus freguezes as listas dos premios.

**OS MESMOS** venderam da ultima loteria e seguintes premios em bilhetes inteiros, quartos, e cautelas de 500 e 250 rs.

521....	1:000\$000	} Em bilhetes inteiros.
821....	200\$000	
4514....	210\$000	} Em quartos e cautelas de 500 e 250 reis.
2014....	200\$000	
3033....	100\$000	
4535....	100\$000	
5096....	100\$000	

## AO PUBLICO

**F. M. da Cunha Rego**, Pharmaceutico approvedo pela Eschola Medico-Cirurgica do Porto, e administrador da Pharmacia, que foi de L. J. da Costa Leite, tendo organi-

sado, e fornecido o dito estabelecimento com todas as drogas, e preparados, tanto chimicos, como pharmaceuticos, indispensaveis, offerece os seus serviços a todos os srs., que delles se quizerem utilizar, promettendo no seu expediente toda a exactidão, limpeza, e accio; assim como a brevidade possivel, em qualquer encommenda, que se lhe faça sobre objectos relativos á sua profissão.

Ha no mesmo estabelecimento, =Phosphato de ferro solúvel de Leras=Oleo puro de figados de bacalháu=Pilulas de familia =Limoadas gazosas refrigerantes=Ditas gazosas laxantes=Caixas de soda=Ditas de sedlitz=Ditas de capsulas de copahiva=Ditas de capsulas d'oleo de figados de bacalháu = e Vinagre branco puro de superior qualidade, engarrado, etc., etc.. (100)

## PUBLICAÇÕES LITTERARIAS.

### BIBLIOTHECA ESCOLHIDA.

(A. CARRILHO.)

TRADUCTOR

Todos os quarenta dias apparecerá um volume dos melhores romances francezes, nitidamente impresso em papel superior.

PREÇO POR ASSIGNATURA

Em Lisboa . . . . 500 Cada volume.

Provincias . . . . 550 » »

Quem alcançar 6 assignaturas de qualquer das obras publicadas, recebe gratis um exemplar.

VOLUMES PUBLICADOS

MEMORIAS DE JOSÉ GARIBALDI,

Por Camillo Leynadier, que alcançam até Março de 1860 . . . . 2 vol.

## A VIDA AOS VINTE ANNOS

Por Alexandre Dumas — Filho . . 1 vol,

HISTORIA DE HANON LESBAUT

Pelo Abbade de Prevost. . . . 1 vol.

NO PRELO.

A ser distribuido aos srs. assignantes no dia 15 de Maio.

## DIANA DE LYS

POR

ALEXANDRE DUMAS (FILHO.)

Um lindo volume de 240 paginas, igual em formato e typo aos volumes anteriores.

Toda a correspondencia deve ser dirigida a A. Carrilho. 63 = Rua do Carvalho. Lisboa.

Não se expede volume algum sem que a sua importancia tenha sido enviada ao editor em valles ou sellos do correio, de qualquer preço.